

Haiti, Arte e resistência e País sem Chapéu: reflexões sobre uma leitura cruzada entre palavra e imagem

CHRISTOPHER RIVE ST VIL¹;
MARISTELA G. S. MACHADO²

¹Universidade Federal de Pelotas – christopherrivestvil@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristelagsm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende propor uma linha de reflexão possível para o nosso projeto de leitura do romance *País sem Chapéu* (1996) de Danny Laferrière, premiado escritor haitiano e membro da Academia francesa. Primeiro livro do autor publicado no Brasil, trata-se da narrativa da experiência de um escritor que, depois de vinte anos de exílio, regressa ao seu Haiti natal. Descoberta, reconhecimento e estranhamento se alternam à medida em que ele redescobre as ruas, habitantes e imagens de Porto Príncipe, e é convidado a viajar ao “país sem chapéu”, o reino dos mortos e do voudou.

Desde as primeiras leituras do romance, elegemos as temáticas da morte e do voudou como centrais para a nossa análise. Passamos então a procurar referências que nos permitissem embasar a leitura de *País sem Chapéu* sob esse viés, enfrentando as dificuldades de acesso a obras não publicadas no Brasil: *Le Vaudou haïtien* de Alfred Métraux, *Le Pays em dehors* de Gérard Barthélem, *Culture et dictature em Haïti, l'imaginaire sous contrôle* de Laennec Hurbon e *Le Vaudou, miroir des luttes politiques haïtiennes* de Raphaël Rossignol.

Nessa busca, encontramos *Haiti, arte e resistência*, catálogo de uma exposição de arte criada em 2014 pela professora da Universidade Federal do Rio Grande, Normelia Parise, para recensear manifestações culturais da sociedade haitiana com o objetivo de estabelecer uma relação entre essa produção e a vida quotidiana, a religião, a precarização e a instabilidade do país.

O rico material da exposição – pinturas, letras de canções e imagens de cerimônias do vaudou, fotografias, esculturas e textos escritos em três línguas (crioulo, francês e português) – motivou a reflexão que apresentamos aqui. Embora sejam produzidos em linguagens diferentes, os elementos do romance de Laferrière e do catálogo de Parise que atraem o leitor e significam a identidade haitiana são os mesmos: o vaudou, a morte e a vida cotidiana. Além disso, fomos motivados a pensar criticamente sobre a nossa própria identidade haitiana, de tal maneira que o projeto está transcendendo a investigação acadêmica para se tornar parte da jornada de um estudante haitiano no Brasil em busca do autoconhecimento.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é fundamentalmente bibliográfica e apoiada em vídeos disponíveis na Internet. Depois de uma primeira leitura de *País sem Chapéu* em francês, com ênfase nas categorias narratológicas clássicas, passamos a selecionar passagens específicas do romance sobre a morte e o vaudou. Seguiu-se a leitura do romance em português e muitas discussões sobre a temática. Para embasar a nossa reflexão nos valemos, em um primeiro momento, da leitura do catálogo *Haiti arte e resistência* de Normelia Parise e de *Le Vaudou, miroir des luttes politiques haïtiennes* de Raphaël Rossignol.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do catálogo *Haiti arte e resistência*, pretende-se caracterizar, ponto por ponto, “O que é o Haiti?” a partir da sua história e sua cultura. “O Haiti é um país que ao mesmo tempo existe e não existe” (PARISE, 2014 p. 4). A afirmação nos causou estranhamento: por que o país existe e não existe? A menos que a autora esteja se referindo à época de sua independência, quando o país permaneceu esquecido, ignorado internacionalmente após uma luta catastrófica e mesmo trágica. Se o Haiti existe porque é, de fato, uma ilha dividida em dois países, com as suas construções culturais e históricas, ele não existe por causa das crenças, da indigência, da fome, dos conflitos e das rivalidades que persistem no país.

Outros paradoxos evidenciados são evidenciados no catálogo e dialogam com o romance. Parise afirma que não há uma fronteira estanque entre o sonho e a realidade na cultura haitiana. O que se vê nos sonhos é tão verdadeiro como aquilo que se vê com os olhos abertos em pleno dia, em pleno meio-dia. Isso vem, de algum lugar, do vaudou, mundo ao mesmo tempo próximo e distante no qual não há fronteira estanque entre a vida e a morte. A comunicação com os mortos faz-se à noite, em plena luz do dia, em sonhos (PARISE, 2014 p.4).

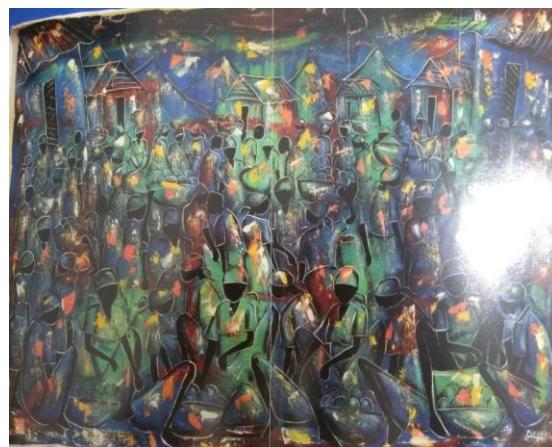
Mas se, efetivamente, tudo o que acontece num sonho pode aproximar-se da vida real, o fato é que não podemos sonhar sempre, pelo contrário, temos de enfrentar diariamente a dura realidade. Em *País sem Chapéu* que Laferrière nos trouxe a resposta a essa pergunta. Após vinte anos de ausência de sua terra natal, sua escrita permitiu-lhe pensar em dois novos países. O “país real” é o da luta pela sobrevivência. Isto é, onde se confronta a realidade da vida, onde o “eu” se encontra com a crise da sociedade haitiana. Quanto ao outro, é o “país sonhado: todos os fantasmas do povo mais megalomaníaco do planeta” (LAFERRIÈRE, 2011, p. 41). Um exprime a noite escura e mística, o outro o dia para continuar a viver, a existir.

No *País sem chapéu*, morrer é viver para sempre, mas como isso é possível? Ou estamos mortos, ou estamos vivos. Existe uma fina fronteira separando a vida da morte (LAFERRIÈRE, 2011, p. 191-192). Mas segundo o autor, a terra da morte é mais distante. Seja um pouco mais longe ou um pouco mais perto, o importante é que é invisível. Só há mortos no Haiti, mortos ou zumbis. Além disso, ao cruzar a barreira da morte e da vida, nada se altera. Esse novo mundo é o mesmo do mundo real. Não precisamos sonhar com o país real, ele está em nós, nós o vivemos e o sentimos.

Ao prosseguir no cotejamento entre o romance e o catálogo, comparando a linguagem verbal e imagética que apresentam, procuramos realizar uma leitura cruzada. No penúltimo capítulo do romance, os dois países – real e sonhado – se unem para fundar o *País sem Chapéu*, que poderíamos imaginar retratado na pintura sobre tela de Pierre (PARISE, 2014, p. 39).

Antes de tudo, ao chegar o narrador-personagem ao país sonhado esperou ver a cada passo alguma coisa inesperada, algo que ocasiona surpresa. Assim, cruzou com um burro carregado de cabaças, mas não criou o tal efeito esperado e nada mais. E logo num diálogo com uma desconhecida no romance lê-se: “[...] então, aqui, não existe a diferença entre o dia e a noite como vocês têm lá” respondeu a mulher desconhecida. “é sempre um prazer ver um cliente por aqui” argumentou novamente. “às vezes passa um, mas na verdade é raro... e muito quando voltam de Bombadopolis”. “As pessoas daqui, elas sempre tiveram o hábito de ir lá” (cidade no país real). “Olhe para mim, eu não quis ir mais longe, parei aqui e instalei esta mercearia na beira da estrada” diga a mulher (LAFERRIÈRE, 2011, p. 198-199). Quando observamos a pintura de Pierre no

catálogo, imaginamos essa passagem da palavra escrita: pessoas multicoloridas, com cestos na cabeça vão e vêm, uma mulher está sentada para vender a sua mercadoria: frutas, legumes ou éperceries. É a mesma cena da vida de ontem e de hoje que o narrador-personagem conta no romance.



Fonte: catálogo, p. 39.

Embora ainda seja considerado por alguns como reminiscência obscurantista e mesmo satânica, como culpado pela pobreza do Haiti, desde sempre, o vaudou, estabeleceu-se como símbolo de resistência ligado à luta pela independência, à identidade histórica e cultural. Mais do que uma religião, foi e ainda é fonte de numerosas expressões artísticas, como as esculturas de metal, a pintura naïve de Porto Príncipe, a música dos troubadours e o rara presentes no catálogo *Haiti arte e resistência*. Dessa forte presença decorre o fato de que o voudou, entre outros elementos da cultura e da tradição, é o que nos distingue como sociedade. No seu livro *L'Énigme du retour*, Laferrière afirma: “(...) se tu não conheces o vaudou, o vaudou te conhece” (LAFERRIÈRE, 2009. p.39). Dessa forma, ele se espalha naturalmente e está no teu sangue, porque és descendente de africanos. Quem diz vaudou, diz religião, arte, excelência, transcendência etc.

Uma de suas representações no catálogo é imagem de Legba, que é um deus que se veicula entre o loa e a humanidade, ou seja (PARISE, 2014, p. 3): trata-se do vèvè, símbolo religioso, desenhado no chão com giz ou sal, em todas as cerimônias do vaudou. Se o país sonhado do romance é onde o vaudou, as pessoas e a vida quotidiana se encontram, a tela de Musset Payane e de Pierre podem ilustrar esse espaço onírico (PARISE, 2014, p. 21-39).



Fonte: catálogo, p. 21-39.

Podemos cotejar as telas com o seguinte diálogo entre o narrador-personagem e Marinette [filha da deusa de amor e morte, Erzulie Fréda

Dahomey]: “veio aqui lavar o nosso vestido”, disse Marinette ao narrador-personagem. “Com efeito, cada uma delas estava lavando um único vestido branco” disse Ogun, deus de fogo, ao narrador-personagem, ou seja, esclareceu a visão dele que na verdade as várias mulheres que ele viu lavando vestidos brancos na verdade é uma só, sua filha, que faz com que ele veja várias mulheres onde há somente ela. “Estava, com certeza, lavando seu vestido branco para a cerimônia de hoje à noite” disse Erzulie Fréda ao narrador quando ela lhe perguntou se tinha vista sua filha no caminho (LAFERRIÈRE, 2011, p. 201-202-203).

Vimos isto ilustrado na tela (...), onde há a representação das mulheres com vestidos brancos numa cerimônia de vaudou que podemos supor estar representando o efeito de que vejamos várias onde é uma mulher apenas também, como no diálogo.

4. CONCLUSÕES

A reflexão motivada pela leitura cruzada entre o catálogo Haiti, arte e resistência e o romance País sem chapéu se constituiu como uma etapa inicial produtiva do nosso projeto de leitura do romance, como um reconhecimento da relevância e riqueza dos eixos de leitura – a morte e o vaudou. Não tínhamos, inicialmente, a intenção de trabalhar com a relação entre palavra e imagem, mas mesmo que não tenhamos realizado uma análise especializada da imagem, o resultado do cotejamento das duas obras foi determinante para a consolidação de nosso objetivo de analisar o romance a partir dos eixos temáticos escolhidos.

Além disso, a percepção do romance como uma sucessão de quadros pintados com cores fortes e percebidos por múltiplas perspectivas foi despertada e poderá se revelar proveitosa para a nossa análise nas próximas etapas do projeto. São elas: a leitura das referências listadas na Introdução desse resumo para uma melhor compreensão das relações entre o vaudou a morte e a cultura haitiana e seleção e análise de fragmentos do romance que evidenciem o tratamento literário dado pelo autor a esses elementos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAFERRIÈRE, D. **País sem Chapéu**. Tradução de Heloísa Caldeira Alves Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

LAFERRIÈRE, D. **L'Énigme du retour**, Paris. Les éditions du Boréal pour Le Canadá, 2009. Editions Grasset & Fasquelle, 2009, pour le reste du monde. ISBN 97802-253-15660-4-1^e publication LGF.

PARISE, N. (coord.) **Haiti: arte e Resistência**. Catálogo de exposição. Curadoria Margarida Rache; Fotografias João Paulo Ceglinski; Textos Normelia Parise e Margarida Rache; Design gráfico Jairo Lopes. Porto Alegre: Mundo Moinho, 2014.

Documentos eletrônicos

ROSSIGNOL, R. **Le Vaudou, miroir des luttes politiques haïtiennes**. The conversation. Acessado em 14 de dez. 2016. online. Disponível em: <https://theconversation.com/le-vaudou-miroir-des-luttes-politiques-ha-tiennes-69932?fbclid=IwAR3ppWWLW1RRtzL7El7BkAqVhkCM2kdly5AHStsSPQV0OSGjwDjWJLiNkQ>

LAFERRIÈRE, D. **Il y a beaucoup de pays la mort est une chose mystérieuse, mais em Haiti c'est une chose mystique**. Le Point Metropole Télé, Port-au-Prince, 18 juin 2019. Acessado em: 15 set. 2019. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJVUNJ3qbq8&t=413s>